

**ASSOCIAÇÕES E COOPERATIVAS
DE CATADORES E CATADORAS:
UMA ESTRATÉGIA PARA “SEGUIR
EM FRENTE” E SEUS EFEITOS
SEGUNDO A PERCEPÇÃO DE
LÍDERES CATADORES NA
MICRORREGIÃO DE TOLEDO,
PARANÁ**

*WASTE PICKER ASSOCIATIONS AND
COOPERATIVES: A STRATEGY TO
“MOVE FORWARD” AND ITS
EFFECTS ACCORDING TO THE
PERCEPTION OF WASTE PICKER
LEADERS IN THE MICROREGION OF
TOLEDO, PARANÁ*

*ASSOCIATIONS ET COOPÉRATIVES
DES RÉCUPÉRATEURS ET DES
RÉCUPÉRATRICES : UNE STRATÉGIE
POUR “AVANCER” ET SES EFFETS
SELON LA PERCEPTION DES
LEADERS DES RÉCUPÉRATEURS
DANS LA MICRORÉGION DE
TOLEDO, PARANÁ*

Tainara Ianka Maas

Secretaria de Educação do Estado do Mato

Grosso

e-mail: tainaramaas@hotmail.com

Fábio de Oliveira Neves

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

(Unioeste)

e-mail: fabio.neves@unioeste.br

Resumo:

O catador é um trabalhador do lixo, um proletário que busca, na estratégia de organização coletiva (em associações e cooperativas), uma forma de “seguir em frente” e superar as precárias condições de trabalho e vida. Nesse contexto, pergunta-se: quais são os efeitos da participação nessas organizações e das atividades de capacitação? Esses efeitos ultrapassam o ambiente de trabalho? Esta pesquisa analisou entrevistas realizadas com líderes catadores e catadoras da microrregião de Toledo, Paraná, buscando informações sobre as organizações coletivas, as capacitações e seus efeitos entre os catadores. Observou-se que os efeitos são amplamente positivos: resultam em melhores condições de trabalho e renda, além de transformações individuais que ultrapassam o ambiente de trabalho, chegam ao lar e transformam a imagem social dos catadores.

Palavras-chave: catadores de materiais recicláveis, resíduos sólidos urbanos, reciclagem de resíduos, desenvolvimento pessoal, trabalho informal.

Abstract:

The waste picker is a garbage worker, a proletarian who seeks, through the strategy of collective organization (in associations and cooperatives), a way to move on and overcome precarious working and living conditions. In this context, the question is: what are the effects of participation in these organizations and training activities? Do these effects extend beyond the work environment? This research analyzed interviews carried out with waste picker leaders from the micro-region of Toledo, Paraná, seeking information about collective organizations, training, and their effects on waste pickers. It was observed that the effects are largely positive; they result in better working conditions and income, in addition to individual transformations that go beyond the work environment, reach the home, and transform the social image of the waste pickers.

Keywords: Waste pickers, urban solid waste, waste recycling, personal development, informal work.

Résumé :

Le récupérateur est un travailleur du déchet, un prolétaire qui cherche, dans la stratégie d'organisation collective (en associations et coopératives), un moyen de « passer à autre chose » et de dépasser la précarité des conditions de travail et de vie. Dans ce contexte, la question est : quels sont les effets de la participation à ces organisations et activités de formation ? Ces effets s'étendent-ils au-delà de l'environnement de travail ? Cette recherche a analysé des entretiens réalisés avec des responsables de récupérateurs de la microrégion de Toledo, Paraná, afin de recueillir des informations sur les organisations collectives, la formation et leurs effets sur les récupérateurs. Il a été observé que les effets sont largement positifs : ils se traduisent par de meilleures conditions de travail et de revenus, en plus de transformations individuelles qui vont au-delà de l'environnement de travail, atteignent le domicile et transforment l'image sociale des récupérateurs.

Mots-clés : récupérateurs de matériaux recyclables, déchets solides urbains, recyclage des déchets, développement personnel, travail informel.

Introdução¹

Embora se estime que apenas 10% dos catadores brasileiros pertençam a alguma associação ou cooperativa (IPEA, 2012), não é possível afirmar que a estratégia coletiva de organização dos catadores tenha fracassado, muito pelo contrário. As 651 organizações (entre associações e cooperativas) que responderam ao Anuário da Reciclagem do ano de 2021 cobrem um território que engloba 62% da população brasileira; estas comercializaram 326,7 mil toneladas de materiais recicláveis, o que resultou em um faturamento total de R\$ 159 milhões (ANCAT; PRAGMA, 2021).

Considerando tais resultados que reforçam a importância do trabalho coletivo, da adesão às cooperativas e associações e a necessidade de formar lideranças, pergunta-se: quais são os efeitos da participação dos catadores nas organizações coletivas e nas atividades de capacitação? Esses efeitos ultrapassam o ambiente de trabalho? Para responder a essas perguntas, é necessário recorrer diretamente aos catadores e catadoras, a partir de entrevistas que possam desvelar sua experiência, vivência e atividades no contexto das organizações coletivas.

Este artigo analisou a percepção dos líderes catadores e catadoras das associações e cooperativas da Microrregião de Toledo, Paraná (composta por 21 municípios), em relação a sua adesão à estratégia coletiva de organização e os efeitos que esta teve, não só em âmbito profissional, como pessoal.

¹ "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Bolsa de Mestrado.

A metodologia de cunho qualitativo adotada utilizou-se de entrevistas em duas etapas. A etapa 1 envolveu líderes das associações ou cooperativas em busca de informações sobre a criação das organizações que integram e as parcerias que a viabilizaram. A etapa 2 voltou-se aos benefícios obtidos no trabalho e na vida no geral a partir de sua adesão à organização e aos treinamentos.

Supõe-se que a estratégia coletiva de trabalho do(a) catador(a) pode levar não só a melhorias nas condições de trabalho e renda, mas também pode resultar em transformações individuais que ultrapassam o ambiente de trabalho. Assim, compreender a figura do catador, homem e mulher, que está em constante transformação é um desafio que começa por ouvi-los (como se propõe nesta pesquisa).

Procedimentos metodológicos

Neste estudo, o foco é a percepção dos líderes catadores e catadoras em relação a sua adesão à estratégia coletiva de organização e aos efeitos que esta teve no ambiente de trabalho e para além deste.

A primeira pergunta a se responder é: por que não entrevistar todos os catadores de cada associação/cooperativa? A investigação restringe-se a líderes, pois somente aqueles que ocupam cargos de representação e coordenação destas organizações é que: (1) participam mais frequente e diretamente de capacitações, cursos, oficinas e demais atividades realizadas em parceria com agentes externos (Prefeituras, ONGs, empresas privadas, entre

outros); e (2) têm informações mais completas sobre o histórico, a estrutura e o funcionamento das organizações que representam.

Na primeira etapa, o objetivo foi o de conhecer o histórico da associação/cooperativa, além dos processos e percalços enfrentados por tais organizações. Na segunda etapa, analisou-se as entrevistas a fim de identificar as percepções dos líderes decorrentes da adesão às estratégias coletivas de organização e seus efeitos para além do ambiente de trabalho.

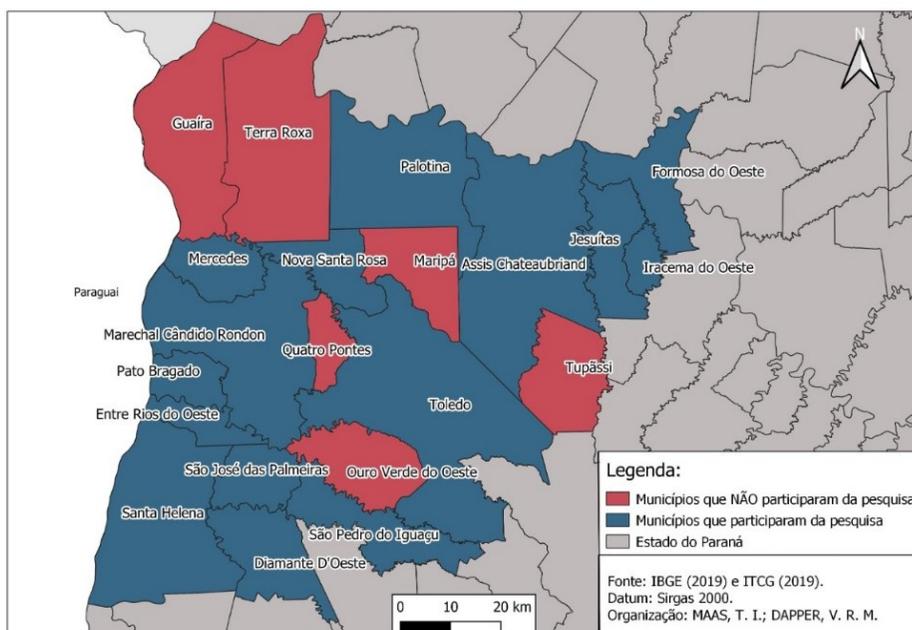
A área de estudo selecionada para a pesquisa é composta pelos municípios da microrregião de Toledo, no estado do Paraná (Figura 1). A razão para a escolha desta microrregião é a inserção profissional dos autores – a primeira autora já atuou como catadora na Associação dos Agentes Ambientais de Santa Helena – e o segundo autor tem na microrregião a sua área de pesquisa mais frequente.

As entrevistas foram realizadas nas seguintes organizações: Associação de Catadores de Toledo (ACATOU), Associação dos Agentes Ambientais de Recicláveis de Palotina Preserva (APAVA), Cooperativa dos Agentes Ambientais (COOPERAGIR, Marechal Cândido Rondon), Associação Mercedense de Agentes Recicladores (AMAR), Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis (ACAMAR, Assis Chateaubriand), Associação dos Agentes Ambientais de Santa Helena (AAASH), Associação Bragadense de Catadores (ABC), Associação dos Agentes Recicladores de Formosa do Oeste (ARFO), Associação São Josiliense de Materiais Recicláveis (ASJ) Associação de Catadores de Terra Roxa (ACARTERRA), Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Iracema do Oeste

(ACAMARIO), Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Nova Santa Rosa (ASCAROSA), Associação dos Catadores Brilha Diamante, Associação Entrerriense de Catadores (ASEC), Associação de Catadores de Recicláveis de São Pedro do Iguaçu (ACARESPI) e Associação dos Agentes Ambientais de Jesuítas (AAAJ). O uso do primeiro nome dos entrevistados foi uma opção dos autores, tendo em vista a ênfase que se propõe nos indivíduos e seu cotidiano.

Alguns municípios não participaram da pesquisa pelas seguintes razões: Ouro Verde do Oeste não contava com associação de catadores na data da pesquisa (a coleta de lixo é realizada por empresa privada); Maripá estava em processo de formação de associação de catadores; Guaira, Quatro Pontes e Tupãssi não responderam aos contatos dos autores; em Terra Roxa, a organização dos catadores, durante a época de realização das entrevistas, estava sem presidente.

Figura 1 – Área de estudo: microrregião de Toledo e respectivos municípios



Fonte – IBGE (2019); ITCG (2019). Organização: MAAS, T. I.; DAPPER, V. R. M.

A seguir, se propõe uma breve revisão sobre a figura do trabalhador catadór e das estratégias coletivas que este vem adotando.

Catadores: trabalhadores do lixo, proletários explorados pelo capital

Em “A história dos catadores no Brasil”, Antônio de Pádua Bosi (2016) enfatiza o trabalho do catador e sua funcionalidade para o capitalismo. Seu principal esforço é o de contrapor a visão acadêmica hegemônica: o catador como “trabalhador autônomo”, “agente ambiental” ou “trabalhador por conta própria” - para

enquadrá-lo como proletário explorado pelo capital. Nesse sentido, ressalta-se o *leitmotiv* dessa ocupação: antes de ambiental, é o caráter econômico que o fundamenta. A pobreza e a necessidade de renda são as razões para que se colete e revenda restos para a reciclagem, viabilizando-a como atividade comercial a partir do século XVIII. Quanto mais se aproxima do tempo presente, mais a reciclagem se vincula ao sistema capitalista (BOSI, 2016).

Antes de prosseguir na identificação do catador, é necessário diferenciá-lo de outro “trabalhador do lixo”: o lixeiro (aquele que faz a coleta ou remoção do lixo urbano). Entre ambos, há diferenças e semelhanças. Entre as diferenças, está o tipo de trabalho exercido por um e por outro. O lixeiro é o trabalhador contratado pela municipalidade ou por empresa prestadora de serviço responsável pela etapa de coleta de lixo comum (ou misturado) – resíduos que são direcionados à destinação final (o aterro sanitário). Os catadores geralmente são pessoas que vivem e trabalham, individual e coletivamente, na atividade de coleta, triagem e comercialização de materiais recicláveis (BERNARDES, 2018). Entre as semelhanças, estão os estigmas, preconceitos e a ideia de uma profissão de segunda classe. Conforme Bosi (2016), a profissão de lixeiro era exercida por homens e mulheres desclassificados, como prisioneiros e pessoas em situação de miséria. A profissão do catador também sofre tais estigmas, até em um grau superior. Para Bernardes (2018, p. 52): “talvez nenhum outro grupo ocupe posição tão desfavorável no interior da sociedade brasileira quanto os catadores de recicláveis”.

A prática da catação denota sua situação de penúria que muitas vezes acompanha ou é confundida com a situação de mendicância. De acordo com Bosi (2016, p.29):

de todo modo que se olhe para esses catadores se enxerga uma ocupação destituída de prestígio e associada à sujeira. Tal ponto de vista geralmente costumava ser partilhado por patrões e empregados.

Em publicação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2012), os catadores são identificados como uma massa de desempregados que, por sua idade, condição social ou baixa escolaridade, não mais encontram lugar no mercado de trabalho formal. Bosi (2016) ainda acrescenta duas outras condições que acompanham a exclusão dos catadores em relação ao mercado formal de trabalho: a incapacidade física ou envelhecimento. Muitas vezes, a catação surge como única possibilidade de subsistência.

Segundo Costa (2017), os catadores transitam pelos centros urbanos de maneira quase invisível, mesmo desenvolvendo importante papel no processo de coleta de resíduos sólidos urbanos. Para a autora, os catadores estão marcados por certa “invisibilidade” não só perante a sociedade, mas também ao sistema capitalista. Nesse sentido, identifica-se uma divergência entre a autora e Bosi (2016). O que este defende é o enquadramento dos catadores enquanto proletários do sistema capitalista. É, portanto, funcional para este sistema, conseqüentemente, para a indústria da reciclagem. Bosi (2016) evidencia os catadores não enquanto excluídos do sistema capitalista ou “invisíveis” a este sistema, mas uma peça fundamental. Seria a partir do trabalho intensivo e mal

remunerado dos catadores que a indústria da reciclagem garantiria a mais-valia e tornar-se-ia economicamente viável.

De modo geral, até as décadas de 1840 e 1850,

a reciclagem era uma prática exercitada com frequência por pobretões de todo tipo, uma ferramenta importante em seu repertório de sobrevivência (BOSI, 2016, p. 33).

Nessas mesmas décadas, surgiram as primeiras fábricas de papel, que utilizavam restos de panos na confecção do papel, assim como a utilização de ferro descartado na usinagem e confecção de novas mercadorias. Iniciou-se, então, uma alteração no modo de ver e tratar o lixo (BOSI, 2016).

Com a ascensão do capitalismo, o lixo passou a ter outro sentido. Deixou de ser algo inútil e sem valor, para algo com valor industrial. Passou a ser associado à produção industrial e, conseqüentemente, a um trabalho naturalizado, visto ser algo ainda mais necessário e rentável que a coleta de rejeitos orgânicos e de panos (BOSI, 2016).

A “invisibilidade” dos catadores/trapeiros não seria em relação ao sistema capitalista, mas em relação à história dos trabalhadores urbanos no Brasil. Segundo Bosi (2016), não há sinais visíveis destes trabalhadores em jornais e documentos municipais. O começo do século XIX, que marca o início do mercado de recicláveis – embora ainda bastante incipiente no país – também não acusava a presença dos catadores. “Provavelmente foram vistos diluídos em meio aos mendigos e aos vagabundos nas grandes

idades da época” (BOSI, 2016, p.30). A primeira referência aos trapeiros foi no século XX, quando

Paulo Barreto, conhecido por João do Rio, autor de crônicas sobre o povo mais simples e humilde do Rio de Janeiro, passou a abordar pequenas profissões em suas crônicas, apresentando as profissões invisíveis e extremamente necessárias (BOSI, 2016, p.30).

Nozoe *et al.* (2003) indicam que profundas mudanças no mercado de trabalho brasileiro resultaram em diminuição do nível de emprego e de postos formais de trabalho no século XX. Como consequência, ocorreram profundas alterações no sistema ocupacional, tendo, como efeito colateral, o desaparecimento de diversas profissões, bem como a redefinição e o surgimento de outras. Desta maneira, muitos trabalhadores excluídos do mercado de trabalho formal encontraram, na catação, uma saída para o desemprego. Finalmente, em 2002, os catadores de materiais recicláveis tiveram sua atividade profissional reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) (NOZOE *et al.*, 2003).

Bosi (2016, p. 16) destaca que “toda a cadeia de recicláveis no Brasil é movimentada por trabalho precário e informal, e todo material descartado e recolhido é processado por multinacionais”. De modo geral, os catadores são explorados pelos comerciantes intermediários para quem entregam seus materiais a preços inferiores aos praticados no mercado (IPEA, 2012).

Uma das características marcantes dos catadores é o baixo poder aquisitivo, que lhes acarreta uma urgência na venda de materiais, algo exemplificado na obra “Quarto de despejo: o diário

de uma favelada” (JESUS, 2014), em que a autora e catadora de material reciclável Carolina Maria de Jesus retrata o seu cotidiano, expondo que a renda obtida na coleta era utilizada no mesmo dia, com comida e demais necessidades.

Estratégias econômicas coletivas: uma alternativa para o catador seguir em frente

Com a intenção de buscar melhores condições de trabalho e dignificação de suas atividades, os catadores de materiais recicláveis passaram a se organizar coletivamente em associações e cooperativas de trabalho. A diferença fundamental entre elas é a finalidade. A associação não tem fins lucrativos (BRASIL, 2002), busca realizar objetivos comuns, superar dificuldades e gerar benefícios (não necessariamente econômicos) para um determinado grupo (COSTA; NEVES, 2021). A cooperativa é uma entidade essencialmente econômica, que nasce para viabilizar o negócio dos cooperados junto ao mercado (CARDOSO, 2014).

Rodríguez (2012) afirma que os catadores encontraram, nas estratégias econômicas coletivas, uma alternativa para “seguir em frente”. Para Calderoni (2011), a organização dos catadores em associações/cooperativas permite a melhoria da renda em comparação ao trabalho tradicional de catação de rua e fortalece as negociações com indústrias/intermediários que compram o material reciclável. Ao se associarem, os catadores passam a trabalhar em galpões estruturados para a separação dos resíduos e em tarefas de pré-beneficiamento dos materiais.

Outra característica marcante das associações é a presença majoritária de mulheres entre os trabalhadores nos galpões de triagem. O Anuário da Reciclagem 2021 indica que 54% dos integrantes das associações/cooperativas são mulheres (ANCAT; PRAGMA, 2021). De acordo com Martins (2003) e Bernardes (2018), a forte presença de catadoras está relacionado ao aspecto de maior taxa de desemprego entre a População Economicamente Ativa (PEA) do sexo feminino em regiões metropolitanas.

Os catadores e catadoras que trabalham individualmente são, com frequência, expostos a diversas situações indignas, seja nas ruas, como já citado, seja nos lixões. Essas condições precárias de trabalho estão aliadas à informalidade que as torna ainda mais vulneráveis, sem acesso aos direitos trabalhistas e previdenciários (COSTA, 2017).

Até então, esses indivíduos (homens e mulheres) eram impelidos a atuar informal e isoladamente. A Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS), aprovada em 2010, fortaleceu a atividade dos catadores por estimular a organização em associações e cooperativas. Em algumas cidades, esses trabalhadores vêm experimentando, por parte do poder público e da sociedade, certo reconhecimento (relativo) por seus serviços.

De acordo com Martins (*apud* NEVES, 2013, p. 125)

[...] as municipalidades contribuem na formação e funcionamento das associações de catadores de alguns modos: com a cedência de espaços para instalação de galpões de triagem, e com equipamentos básicos para realização das atividades; com o fornecimento de resíduos recicláveis; com a isenção de pagamento de taxas, como água e luz, com capacitação e assessoria aos catadores.

Outro auxílio oferecido pelo poder municipal e por empresas é em relação a cursos de capacitação, otimização de serviços e da própria organização dos trabalhadores. Tais parcerias objetivam a qualificação do funcionamento das atividades desenvolvidas pelas organizações de catadores (NEVES, 2013). Assim,

percebe-se, efetivamente, que a consciência de pertencer a um grupo, isto é, a determinação de sua identidade com uma nova categoria ocupacional ou "profissional" leva em consideração não apenas os ganhos materiais relativos às atividades de reciclagem, mas, também, os aspectos de "resgate" social dos trabalhadores e/ou de vínculo com o tipo de trabalho que estão executando, pela importância que representa como um serviço de cuidado com o meio ambiente (BERNARDES, 2018, p. 65).

É necessário, assim, compreender os impactos da estratégia coletiva e da preparação para o trabalho coletivo. É preciso compreender quais as forças que contribuem para a criação e manutenção destas organizações, assim como as mudanças que a estratégia coletiva imprime no cotidiano destas pessoas. É o que se propõe refletir a partir do estudo das organizações de catadores e seus líderes no Oeste paranaense.

Organizações coletivas de catadores no Oeste paranaense: a importância de agentes externos na criação de associações e/ou cooperativas

Na literatura sobre catadores, é comum notar a ação de agentes externos no impulso inicial de formação das organizações coletivas. Em muitos casos, o poder público local é o principal fomentador da formação de tais organizações, mas igrejas e ONGs também participam da criação destas no Brasil (NEVES, 2013).

No caso desta pesquisa, a microrregião de Toledo teve dois agentes centrais no impulso inicial de criação das 21 organizações pesquisadas: as prefeituras e a empresa Itaipu Binacional (Tabela 1).

Tabela 1 – Informações sobre as associações/cooperativas pesquisadas

MUNICÍPIO	ORGANIZAÇÃO	PARCERIAS	CRIAÇÃO	Nº. ASSOCIADOS
Assis Chateaubriand	Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis (ACAMAR)	Prefeitura/ Itaipu	2011	22
Diamante do Oeste	Associação dos Catadores Brilha Diamante	Itaipu	2018	11
Entre Rios do Oeste	Associação Enterriense se Catadores (ASEC)	Prefeitura/ Itaipu	2011	6
Formosa do Oeste	Associação dos Agentes Recicladores de Formosa do Oeste (ARFO)	Prefeitura/ Itaipu	2020	8
Guaíra	Local da associação não encontrado.			
Iracema do Oeste	Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Iracema do Oeste	Prefeitura/ Itaipu	2020	5

	(ACAMARIO)			
Jesuítas	Associação dos Agentes Ambientais de Jesuítas (AAAJ)	Prefeitura/ Itaipu	-	-
Marechal Cândido Rondon	Cooperativa dos Agentes Ambientais (COOPERAGIR)	Prefeitura/ Itaipu	2004	33
Maripá	Associação em processo de formação.			
Mercedes	Associação Mercedense de Agente Recicladores (AMAR)	Prefeitura/ Itaipu	2018	12
Nova Santa Rosa	Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Nova Santa Rosa (ASCAROSA)	Prefeitura/ Itaipu	2014	-
Ouro Verde do Oeste	Não tem associação de catadores.			
Palotina	Associação dos Agentes Ambientais de Recicláveis de Palotina Preserva (APAVA)	Prefeitura/ Itaipu	-	22
Pato Bragado	Associação Bragadense de Catadores (ABC)	Itaipu	2020	9
Quatro Pontes	Sem resposta aos contatos dos autores.			
Santa Helena	Associação dos Agentes Ambientais de Santa Helena (AAASH)	Prefeitura/ Itaipu	2003	67
São José das Palmeiras	Associação São Josilense de Materiais Recicláveis (ASJ)	Itaipu	2019	5
São Pedro do Iguaçu	Associação de Catadores de Recicláveis de São Pedro do Iguaçu (ACARESPI)	Itaipu	-	9

Terra Roxa	Associação de Catadores de Terra Roxa (ACARTERRA)	Associação sem presidente no momento das entrevistas.		
Toledo	Associação de Catadores de Toledo (ACATOU)	Prefeitura/Itaipu	2005	-
Tupãssi	Sem resposta aos contatos dos autores.			

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A empresa de economia mista (público-privada) que dirige a Usina Hidrelétrica de Itaipu desenvolve diversas ações regionais sob diferentes temáticas em parceria com os municípios e demais instituições públicas e privadas. Por intermédio do subprograma denominado *Coleta Solidária*, que integra o macro programa Cultivando Água Boa (criado em 2003)², a Itaipu Binacional apoiou a criação de todas as associações/cooperativas de catadores entrevistadas. Em alguns casos, foi parceira única dos catadores para a organização e criação da associação/cooperativa. Sua presença é, portanto, mais frequente do que a das próprias prefeituras.

Este tipo de atuação da Itaipu, junto ao Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), no apoio à fundação das associações/cooperativas, instrução dos catadores, com cursos e palestras, e no fomento à organização destes foi citado recorrentemente na literatura sobre os catadores no Oeste do Paraná (NEVES, 2016).

O município de Foz do Iguaçu foi o local de implantação inicial do Coleta Solidária, através do qual a empresa dou

² Este macro programa compõe-se de 20 subprogramas, dentre eles, o de sustentabilidade de segmentos vulneráveis, cujo objetivo é garantir o desenvolvimento de setores à margem da sociedade (ITAIPU, 2021).

equipamentos (carrinhos e uniformes) aos catadores e ofereceu oficinas de capacitação (ITAIPU, 2019). Após a experiência pioneira, o subprograma foi expandido para outros municípios da Bacia do Rio Paraná.

A partir das entrevistas nota-se uma boa aceitação de sua atuação entre as organizações dos catadores. Em geral, quando se institui parceria entre a Itaipu Binacional e as prefeituras para auxílio aos catadores, a primeira encarrega-se da capacitação dos trabalhadores, assim como pela oferta de materiais e equipamentos; a segunda, ocupa-se com a infraestrutura de operação, como o galpão de triagem, as taxas de energia e de água (NEVES, 2012).

Em relação às parcerias com as prefeituras, pode-se identificar nas entrevistas um problema enfrentado por associações mais antigas e que, mesmo as novas já vivenciam: a troca de prefeitos. Os contratos das associações/cooperativas com as prefeituras são flexíveis e não obrigatórios, o que resulta em constante ameaça. As mudanças de prioridades e da figura do(a) chefe do executivo municipal não raro é citado como um problema para a continuidade das parcerias (NEVES, 2013).

Outro aspecto citado nas entrevistas refere-se ao pagamento por serviços ambientais prestados, isto é, ao pagamento referente à quantidade de material que os catadores evitam que seja direcionada ao aterramento (seja em lixões ou aterros sanitários). Um dos líderes entrevistados ressalta que deveria haver uma lei que obrigasse as prefeituras a pagar às associações o valor referente ao material “desviado” do aterro; mas, “como não é lei a gente fica na mão do prefeito”. O pagamento por serviços ambientais prestados – especificamente sobre os resíduos

“desviados” do aterramento - é uma antiga reivindicação do movimento dos catadores, ainda não instituído de modo amplo no Brasil, embora já esteja estabelecido em outros vizinhos latino-americanos (como na Colômbia, que aprovou uma remuneração *pro rata* para resíduos sólidos desviados do aterramento como destinação final) (DURAND; NEVES, 2021).

Com relação aos anos de criação, as associações/cooperativas pertencentes à microrregião de Toledo tiveram sua formação a partir de 2003. Três foram criadas ainda na década de 2000: a de Santa Helena, a de Toledo e a de Marechal Cândido Rondon. As demais foram criadas na década seguinte. Entre 2015 e 2020, foram criadas as seis organizações mais recentes (em municípios pequenos, com menos de 5 mil habitantes): Diamante d’Oeste, Formosa do Oeste, Iracema do Oeste, Mercedes, Pato Bragado e São José das Palmeiras.

Perfil do novo catador: de “intruso” à liderança e ao protagonismo feminino

Na microrregião de Toledo, a quantidade de catadores associados/cooperados é variável. As duas organizações mais antigas apresentam maior número de associados: a de Santa Helena, com 67 associados, e a de Marechal Cândido Rondon, com 33. Algo a destacar é que os trabalhadores que integram as associações/cooperativas, anteriormente, não eram catadores. É fato já explorado na literatura que o reconhecimento da profissão e algumas mudanças positivas nas suas condições de trabalho (proveniente das organizações coletivas) acabaram atraindo uma

força de trabalho diferenciada, que não atuava na atividade da catação, ou seja, na recuperação dos materiais recicláveis nas ruas (DURAND; NEVES, 2021). Este perfil de novo catador também gera novos efeitos no cotidiano de trabalho das organizações.

De acordo com a presidente da Associação Bragadense de Catadores,

ocorre o seguinte, chega alguém aqui e fala que tá sem dinheiro pra comer, cheio de filho, aí gente se reúne e arrumamos vaga pra ele, passa um tempo eles arrumam um trabalho que acha que é mió e sai, às vezes não fica 30 dias.

As entrevistadas queixam-se das dificuldades deste perfil de novo catador que necessita de aprender a atividade, mas que, normalmente, deixa o posto assim que encontra outra ocupação. O presidente da Associação de Catadores de Recicláveis de São Pedro do Iguaçu acrescenta: “Esse entra e sai é complicado, porque você ensina a pessoa o trabalho, aí ela sai, tem que ensinar outra e assim segue, de todos que criaram só sobrou eu”. Contudo, o perfil do novo catador se torna incontestável e estes já assumiram postos de liderança. Os presidentes das associações que não eram catadores e trabalhavam em outros serviços informais já são majoritários (Tabela 2).

Das 15 lideranças entrevistadas, apenas 3 eram catadores não-organizados que praticavam a catação. Do restante, um trabalhava com a coleta de lixo comum (lixeiro) e 11 vieram de outras ocupações. Todos relatam acréscimo de renda. O maior acréscimo declarado é o da presidente da Associação dos Catadores Brilha Diamante, que trabalhava como babá e tinha renda mensal

aproximada de R\$ 300,00 contra R\$ 1.500,00 mensais da ocupação atual. Os três líderes que já eram catadores anteriormente estão entre os que ganhavam menos (entre 500 e 800 reais mensais). Quatro líderes declararam médias salariais atuais superiores a dois salários-mínimos³.

Tabela 2 – Ocupação dos líderes catadores anterior à associação

ASSOCIAÇÃO	Ocupação anterior	Renda anterior	Renda atual
Associação Bragadense de Catadores (ABC)	Catador	R\$ 800,00	R\$ 1.500,00
Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Nova Santa Rosa (ASCAROSA)	Catador	R\$ 500,00	*
Associação de Catadores de Recicláveis de São Pedro do Iguaçu (ACARESPI)	Serviços gerais	R\$ 600,00	R\$ 1.000,00
Associação de Catadores de Toledo (ACATOU)	Empresa terceirizada de coleta	*	R\$ 1.800,00
Associação dos Agentes Ambientais de Jesuítas (AAAJ)	Agricultura	R\$ 800,00	R\$ 2.600,00
Associação dos Agentes Ambientais de Recicláveis de Palotina Preserva (APAVA)	Serviços gerais	R\$ 900,00	R\$ 2.000,00
Associação dos Agentes Ambientais de Santa Helena (AAASH)	Serviços gerais	R\$ 1.100,00	R\$ 2.500,00
Associação dos Agentes Recicladores de Formosa do Oeste (ARFO)	Entregador	R\$ 900,00	R\$ 3.000,00
Associação dos Catadores Brilha Diamante	Babá	R\$ 300,00	R\$ 1.500,00
Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis (ACAMAR)	Catador	R\$ 600,00	R\$ 1.800,00
Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Iracema do Oeste (ACAMARIO)	Doméstica	R\$ 1.100,00	R\$ 1.500,00

³ Utiliza-se o salário mínimo vigente no Brasil no ano de 2021, R\$ 1.100,00.

Associação Entrerriense se Catadores (ASEC)	Não trabalhava	*	R\$ 1.600,00
Associação Mercedense de Agente Recicladores (AMAR)	Costureiro	R\$ 1.100,00	R\$ 2.400,00
Associação São Josiliense de Materiais Recicláveis (ASJ)	Serviços gerais	R\$ 900,00	R\$ 1.500,00
Cooperativa dos Agentes Ambientais (COOPERAGIR) (de Marechal Cândido Rondon)	Agricultura	R\$ 1.100,00	R\$ 2.100,00
* não informado ou sem renda			

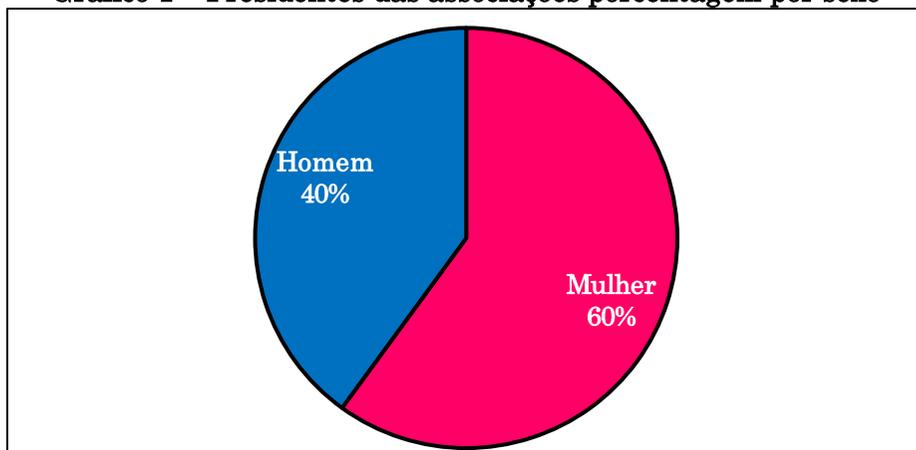
Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

A média salarial é de R\$ 1.914,28; é superior ao salário-mínimo nacional. A renda mensal dos associados/cooperados é proveniente da quantidade de material vendido no mês (mais o valor pago por tonelada pelo município, quando este remunera o catador por serviços ambientais prestados). Deste total, são subtraídas as despesas para o funcionamento da associação e para o Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) dos trabalhadores. Este cálculo é semelhante em todas as associações/cooperativas, diferenciando-se em custos e despesas particulares. Quatro associações - Pato Bragado, Diamante do Oeste, São José das Palmeiras e São Pedro do Iguaçu - estavam em processo de estabelecimento de contrato com as prefeituras, por isso não recebem um valor extra por tonelada.

Ressalta-se que o pagamento por serviços ambientais é fundamental na composição da renda do catador. O município com o líder que ganha mais é o de Formosa do Oeste (com parceria para pagamento por serviços prestados). O valor mensal médio é de R\$ 3.000,00. Já aquele com o menor salário (R\$ 1.000,00) foi o de São Pedro do Iguaçu, que não possui remuneração extra pela prefeitura.

60% das associações entrevistadas são lideradas por mulheres (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Presidentes das associações porcentagem por sexo



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Tal dado está diretamente ligado à dificuldade das mulheres em voltar ao mercado de trabalho formal após a gestação (MARTINS, 2003; BERNARDES, 2018). Desta maneira, elas se sentem mais seguras trabalhando de maneira coletiva e, caso seja necessário, podem levar os filhos à associação.

Um “agente externo”: auxílio ou ameaça à autonomia dos catadores?

A tabela 3 dedica-se a informações específicas sobre os líderes catadores. Diferente das demais, esta tabela não foi organizada por informações provenientes das entrevistas com os líderes catadores, mas obtidas junto a técnicos, funcionários da

prefeitura que trabalham na assistência das organizações de catadores, tendo a função de dar suporte ao funcionamento do galpão de triagem e auxiliar na administração da organização. Das 15 associações entrevistadas, em seis o técnico acompanhou a entrevista; em determinados momentos, respondia as questões que eram destinadas aos presidentes.

A idade média dos presidentes entrevistados é de 40 anos. O mais novo deles é a presidente Luana, da Associação de Catadores Brilha Diamante, com 21 anos. Com idade mais avançada, tem-se o presidente José, da Associação de Catadores de Recicláveis de São Pedro do Iguaçu, com 58 anos.

Tabela 3 - Informações sobre as associações/cooperativas pesquisadas

Associação	Idade	Função do presidente	Pretende mudar de emprego	Aperfeiçoamento
Associação Bragadense de Catadores (ABC)	54	Somente representação	Não	Não
Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Nova Santa Rosa (ASCAROSA)	50	Múltiplas	Não	Sim
Associação de Catadores de Recicláveis de São Pedro do Iguaçu (ACARESPI)	58	Somente representação	Não	Não
Associação de Catadores de Toledo (ACATOU)	**	Múltiplas	Não	Sim
Associação dos Agentes Ambientais	37	Múltiplas	Não	Não

de Jesuítas (AAAJ)				
Associação dos Agentes Ambientais de Recicláveis de Palotina Preserva (APAVA)	44	Somente representação	Não	Não
Associação dos Agentes Ambientais de Santa Helena (AAASH)	*	Múltiplas	Não	Sim
Associação dos Agentes Recicladores de Formosa do Oeste (ARFO)	38	Somente representação	Não	Não
Associação dos Catadores Brilha Diamante	21	Múltiplas	Sim	Não
Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis (ACAMAR)	35	Múltiplas	Sim	Sim
Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Iracema do Oeste (ACAMARIO)	44	Somente representação	Não	Não
Associação Entrerriense se Catadores (ASEC)	30	Múltiplas	Não	Sim
Associação Mercedense de Agente Recicladores (AMAR)	47	Somente representação	Não	Não
Associação São Josiliense de Materiais Recicláveis (ASJ)	23	Somente representação	Sim	Não
Cooperativa dos Agentes Ambientais (COOPERAGIR)	51	Múltiplas	Não	Não

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A terceira coluna diz respeito ao cargo de presidente e suas funções. Nas associações/cooperativas marcadas como “Múltiplas”, o presidente atua diretamente na administração, negociando com compradores de materiais, resolvendo atritos entre associados, representando a associação, entre outras funções. A divisão marcada como “Somente representação” indica que a função de presidente é reduzida mais à representação da organização junto a parceiros externos do que a outras atividades do funcionamento do galpão (que são realizadas pelo técnico). 53% dos presidentes das associações/cooperativas possuem funções múltiplas, enquanto 47% apenas funções de representação. Pode-se supor que este resultado esteja parcialmente ligado a falta de capacitação dos catadores para executar as funções necessárias ao trabalho associativo ou às cooperativas. Nesse sentido, reforça-se duas possíveis asserções contraditórias sobre a relação do profissional técnico com os catadores e como este afeta o exercício da liderança nas organizações sob análise: (1) é possível ver o profissional técnico e suas funções como um entrave à autonomia dos catadores, um *líder não-eleito*; (2) é possível ver o profissional técnico como uma condição fundamental para a existência e o funcionamento da organização de catadores.

Na primeira assertiva, o técnico tem caráter negativo em relação à autonomia dos catadores. É alguém externo às associações/cooperativas que acumula funções-chave e, portanto, influencia na tomada de decisões dos catadores. Embora imbuído de certo poder, o líder catador (presidente) tem, muitas vezes, função restrita de representação, sem controlar processos fundamentais, como a negociação de material a ser vendido e o rateio da renda e

dos recursos obtidos. Um sinal de transferência de liderança, por vezes não consentida ao técnico, é quando as entrevistas foram interrompidas ou o técnico acabou respondendo a questões no lugar do catador. O agente externo representa, nesse caso, um limite ao exercício da autonomia e mesmo da livre expressão dos catadores organizados.

Entretanto, há outro prisma, expresso na segunda assertiva. A falta de capacitação do(a) líder catador(a) pode comprometer o exercício desta liderança, tanto como porta-voz do grupo, quanto como gestor do ambiente de trabalho. Nesse sentido, o técnico aparece como um “recurso” fundamental para o funcionamento do galpão e do trabalho dos catadores. Ele acaba assumindo funções nas quais o(a) líder não está capacitado a executar. Logicamente, este recurso teria caráter temporário até que o(a) líder pudesse ser capacitado através de treinamentos e cursos. Nesse caso, a própria Itaipu e o MNCR são promotores reconhecidos pelos líderes catadores e catadoras de tais treinamentos. A ameaça ou não à liderança e autonomia destes também depende de um posicionamento e uma vigilância do próprio técnico, cuidando para não interferir em assuntos que devem ser decididos pelos catadores e catadoras.

Ao perguntar aos líderes sobre a vontade de trocar de emprego, apenas três responderam que sim; os outros quinze ou 80% desejam continuar o trabalho de catador até se aposentarem. Cursos profissionalizantes e de operação de máquinas foram citados como trunfos tanto para aprimorar o trabalho, como para assumir outro emprego, com outra função.

Dentre as associações pesquisadas, cinco presidentes(as) informaram a participação em cursos e aperfeiçoamentos; se referindo aos cursos com temas gerais, tais como: “Curso de formação da associação”; “Curso para trabalhar em equipe”; “Curso para triagem”; “Cursos da Itaipu”, entre outros. Essas capacitações são realizadas com o financiamento da Itaipu e do próprio MNCR, que oferta cursos e custeia o deslocamento para reuniões e para a visitação a outras associações. Estes cursos e treinamentos, no geral, são fundamentais para o sucesso de uma boa liderança (BARRETO; PAULA, 2013; KLEBA; WENDAUSEN, 2009; MARINHO; GONÇALVES, 2016). Todos que declararam ter participado desses treinamentos exercem funções múltiplas e não apenas de representação. Este dado indica a relevância das capacitações para o efetivo exercício de liderança.

“Percurso íntimo”: testemunhos sobre o ambiente de trabalho e o familiar

Dentre os(as) líderes catadores(as), apenas três trabalhavam anteriormente na catação. Uma destas é Rosângela, 35 anos, presidente da ACAMAR de Assis Chateaubriand. Foi moradora de rua: “Nasci na rua, meus pais moravam na rua”. Não lembra com quem, nem quando aprendeu a catar: “Acho que nasci catando”.

O testemunho da catadora retrata uma condição recorrente dos moradores de rua no Brasil, que se dedicam à catação como forma de subsistência. Além disso, outro traço característico da

“família catadora” está no discurso da entrevistada: o trabalho infantil vinculado à atividade informal.

Rosângela, parou de catar nas ruas quando se casou:

Desde que casei tinha parado de trabalhar, ele que bancava a casa, porque eu tive uma filha atrás da outra [três]. Mas começou a faltar as coisas em casa, aí comecei a trabalhar aqui. A minha mais nova era bebê ainda [...] quando entrei na associação. Ele [ex-marido] não queria que eu entrasse, queria que eu fosse trabalhar de doméstica ou outra coisa. Ele tem vergonha disso aqui, fala que fede.

Neste testemunho é possível ressaltar alguns elementos: a subsistência como motivo principal da catação; o problema da conciliação entre trabalho e o cuidado com os filhos; e os estigmas sociais ligados aos catadores.

Apesar de ter deixado o trabalho individual de catadora nas ruas, Rosângela passa a exercer novamente a função em busca de garantir a subsistência da família. Desta vez, torna-se uma catadora associada a uma organização coletiva: integra-se, no ano de 2011, a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis Chateaubriand. Participa de cursos, eventos e aperfeiçoamentos ofertados pela prefeitura, pela Itaipu, pelo MNCR e pelo Serviço Social do Comércio Paraná (SESC PR):

Era voltado a tudo, tinha de beleza, de como se organizar para trabalhar em associação, de valorização pessoal. Esses cursos me ajudaram a largar o meu marido, ele me colocava para baixo, falava que [eu] cheirava mal.

Os treinamentos ofertados abordam diversos temas, ultrapassando o saber mais técnico envolvido com o ambiente de trabalho e alguns são voltados especificamente às mulheres catadoras. Assim, o impacto dos treinamentos passa a extrapolar o quadro específico do trabalho e envolve o desenvolvimento pessoal, tendo impacto em outros ambientes, como no próprio domicílio, no contexto familiar.

Rosângela ressalta que, após ingressar na associação, ficou interessada em apreender coisas diferentes: “Meu marido não me deixava fazer nada, pra ele eu tinha que ficar em casa cuidando das meninas, não precisava aprender a ler, escrever, essas coisas”. Os treinamentos e cursos a auxiliaram a superar o sexismo que a vitimava em casa. Então, alfabetizou-se junto com a filha mais velha, que, conforme aprendia conteúdos na escola, os repassava para ela em casa. Por meio do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), Rosângela conseguiu concluir os Ensinos Fundamental e Médio. Ressalta que: “desde que entrei aqui [na associação dos catadores], eu consegui terminar até o Ensino Médio, comprei cota [terreno/lote]”. A associação e os cursos contribuíram para o seu desenvolvimento pessoal e para sua afirmação em casa, contra o machismo do ex-marido.

Ela pretende exercer outra função futuramente:

Quero estar trabalhando em algum escritório, até pode ser aqui, mas eu já estou cansada, fazer a separação do material cansa. Estou fazendo um curso de escritório, aprendi a mexer em tudo aqui, eu que faço as planilhas de vendas e de rateio, a técnica ainda me ajuda, mas eu vou para casa e fico estudando, quero aprender tudo.

O esforço físico que a separação dos recicláveis requer, leva, portanto, a entrevistada a almejar outra função.

Embora tenha “se livrado” do preconceito do marido, Rosângela relata o estigma que ainda marca o catador na sociedade local:

(...) eles falam que a gente cheira mal. Teve uma vez que eu estava no caminhão e vi um sapato que eu queria, pedi para o motorista esperar e fui ver o sapato. A moça não me deixou entrar, falou que não tinha mais material reciclável, falei que eu queria o sapato, ela falou que eu não ia conseguir comprar e pediu pra eu sair da loja novamente.

Rosângela diz que essa situação ocorreu há muitos anos, logo que ela tinha entrado na associação. Destaca, contudo, que, aos poucos, esse preconceito está se reduzindo.

Desde a entrada na referida organização, Rosângela conseguiu sair de uma relação matrimonial nociva; realizar estudos formais, concluindo a Educação Básica, Fundamental I e II e o Ensino Médio; voltar a ter renda e aumentá-la, propiciando a compra de uma moto e um terreno/lote. A líder catadora saiu de uma situação de extrema pobreza e, atualmente, está em uma situação financeira melhor, embora ainda seja alvo de preconceitos.

Outra líder, a ex-agricultora, hoje presidente da Associação Bragadense de Catadores de Pato Bragado, 54 anos, trabalhou por anos no campo, posteriormente exerceu o trabalho de doméstica. Depois, tornou-se catadora e está nessa ocupação há 10 anos. Ela relata que começou a catar por necessidade: “No início, eu morria de vergonha, ia com o meu irmão, mas não gostava não. Com o tempo, eu perdi a vergonha, vi que é um trabalho normal como qualquer

outro e com isso eu consegui criar meus filhos”. De fato, o longo e lento processo de reconhecimento da profissão do catador e de seu trabalho vem mudando tanto o perfil de quem trabalha nas organizações, quanto as representações sobre os catadores (DURAND; NEVES, 2021).

Outro “percurso” a ser acompanhado é o de Valdevino, presidente da Associação dos Agentes Ambientais de Santa Helena. O líder catador integra a associação desde sua criação em 2003. Anteriormente, ele não tinha um “serviço fixo”, trabalhava em serviços gerais (pedreiro, motorista, limpeza). “Trabalhava quando tinha serviço, né?! Fazia uns bicos aqui e ali”. A renda não era mensal, pois havia meses em que ficava sem trabalho e, conseqüentemente, sem renda. A esposa, Dona Maria, trabalhava com catação de materiais recicláveis, os quais armazenava em casa até o momento de vendê-los, por preço baixo, a atravessadores.

Quando os representantes da Secretaria Municipal de Saneamento e da Secretaria Municipal de Agricultura entraram em contato com os catadores do município, propondo a criação da associação, Valdevino e Maria, o irmão e a esposa, e outros cinco catadores começaram a participar de cursos sobre “Associações de Catadores”, “Trabalho em Equipe”, “Triagem de Materiais”, entre outros. Com base esses cursos, criaram a associação:

Curso e curso e curso, vish, desde antes de eu entrar já tinha curso, e era pago pra nois fazer, ganhava tudo pago, ía pra Santa Tereza algumas vezes pra conhecer e entender como funcionava, pra Foz também, perdi as contas de quantas vezes fui pra Foz.

Valdevino destaca que logo após a inauguração da Associação de Agentes Ambientais de Santa Helena foram a um evento em Foz do Iguaçu, onde ele conheceu o ex-presidente Lula e outros artistas nacionais. Outro evento de que o presidente da associação fala com orgulho de ter participado foi uma manifestação em São Paulo, em que ele e outros associados protestaram contra a criação de usinas incineradoras de resíduos sólidos.

Valdevino comenta sobre cursos profissionais e de desenvolvimento pessoal:

Esses curso aí, eu tinha um certo preconceito, assim, né?! Achava baboseira. Aí fui, mas fui obrigado e porque tinha comida de graça e acabei até gostando, aprendi muita coisa, até meu casamento melhorou.

Ele comenta que, por meio dos cursos, ele e a equipe conseguiram entender o papel do presidente, que não o torna o dono da associação, mas sim uma pessoa que representa os interesses do grupo todo:

A gente teve que aprender que não tem como ir todos os associados na prefeitura pedir algo, pra gente ser ouvido tem que fazer as coisas certas, aí faço uma reunião com todos, onde todos podem falar e pedir coisas, aí anoto, né? Vejo se a maioria tá a favor, porque aqui a gente faz assim, só faz se tem a maioria, e levo lá na prefeitura, as vezes eu consigo o que o pessoal quer as vezes não.

Ao perguntar sobre mudanças na vida pessoal desde a criação da associação, ele destaca que a relação familiar melhorou

com o passar dos anos. Mencionou também a libertação do vício em cigarro e álcool:

Assim, os curso que a gente faz pra aprender trabalhar em equipe aqui, não fica só aqui, minha múie e meus três filhos mais velhos trabalham aqui, meu irmão e minha cunhada também, também tenho sobrinhos aqui, então esses cursos melhorou nossa vida em família também, outra coisa que começou nessas cursos, que mostrava que fazia mal, mas quem decidiu parar foi eu, com o cigarro e com o álcool, hoje eu não bebo e nem fumo, pra tú vê como eu to mió.

Em relação ao preconceito, Valdevino comenta que, no início da associação, quando eles iam coletar materiais, os lojistas olhavam de modo estranho para eles, achando que eles iam roubar ou pedir esmola. Atualmente, a população, no geral, conhece os trabalhadores da associação por conta do uniforme. Os tratam bem e com respeito. O líder catador reclama do fim de determinados cursos e da descontinuação das visitas às centrais de triagem. Para ele, “essa troca de experiência que tinha nas visitas, nos eventos dá até uma esperança, porque a gente vê coisa nova, vê as coisas funcionando”. Também relata o sentimento de admiração dos amigos e conhecidos, que não trabalham com a reciclagem: “Quando a gente voltava dos cursos que eram em outros cidades, o povo ficava falando que a gente tava ficando importante, conhecendo Lula e tudo”.

Em suma, Valdevino, profissionalmente, saiu de um trabalho que não tinha renda fixa mensal, sem contribuição à previdência social, com horários irregulares, para um trabalho mensalmente remunerado. Em âmbito pessoal, melhorou a relação

familiar, além de se libertar dos vícios aludidos, prejudiciais à saúde. No geral, destaca-se o sentimento de valorização, o aumento da autoestima vivenciado pelo catador.

O testemunho seguinte é de Sirlei, presidente da Associação de Catadores de Toledo. Passou a integrar a associação desde a fundação desta, no ano de 2005. Trabalha no ramo de reciclagem há 33 anos. Anteriormente, foi funcionária de uma empresa terceirizada de coleta de materiais recicláveis, na mesma cidade.

Durante a entrevista, ela destacou a valorização que os catadores vivenciam com os cursos e treinamentos realizados; comenta que já participou de muitos cursos, já deu muitas entrevistas e que, às vezes, se sente cansada, mas pretende trabalhar na associação mesmo depois de se aposentar. Valoriza o trabalho coletivo na associação e as oportunidades de aprendizagem que acompanham a sua função:

Aprendi muito aqui, aprendi coisas que eu achava que sabia e agora sei que tenho muito ainda a aprender, eu amo ir nos eventos, sempre encontro pessoas novas, ideias novas, que renovam minha energia.

Karina, da Associação Enterriense de Catadores, de Entre Rios do Oeste, tem 30 anos. Não trabalhava antes da entrada na associação. Ela e o marido estavam passando por dificuldades financeiras no Rio Grande do Sul.

Em 2015, sua mãe, que era presidente da associação, convidou-a para que viesse, com o esposo, trabalhar na associação:

“lá não tava bão, a gente tava passando dificuldade e já tinha três filho, aí a mãe ligou e falo que tinha vaga aqui, aí nois viemos”.

Assim que chegou à associação, ela assumiu o cargo de secretária e, no mesmo ano, foi eleita à presidência. Ela realizou um curso oferecido pela Itaipu, voltado ao trabalho em equipe e à formação de associações. Karina explica que o curso foi muito bom para ela e para todos os associados, pois, dentre estes, cinco são da mesma família,

Aqui é tudo parente né? Só a dona Maria que não é da família, o resto tudo é, aí fica muito complicado, porque a mãe, a tia, até o marido acha que a gente quer mandar neles, mas eu como presidente tenho que falar as coisa, mas eles não entendia. Teve um tempo que ninguém conversa com ninguém, aí a técnica pediu p Itaipu um curso sobre equipe. Aí foi feito o curso e melhorou muito, agora ainda tem umas confusão, mas eles entendem que eu preciso falar, eles que me colocaram aqui, eu não tô aqui pra mandar, eu tô aqui pra representar eles.

Participou também de um projeto do CATAFORTE, com o objetivo de aquisição de materiais. Este projeto foi uma iniciativa federal para promover a formação de redes de cooperativas de catadores (NEVES, 2016).

Karina comenta que está gostando de trabalhar na associação, mas demorou para se habituar à rotina de trabalho: “Antes eu não trabalhava, né? Aí não tinha rotina de levantar cedo e tal e aqui também não é um trabalho fácil”. Ao ser questionada se pretende trocar de emprego, respondeu que ainda não pensou a respeito.

Assim, pode-se concluir que ocorreu uma melhoria na relação de trabalho e, conseqüentemente, familiar, visto que são colegas de trabalho.

Sobre a relação com a sociedade local, ela não soube diferenciar se aconteceu alguma mudança no tratamento com os vizinhos após a entrada na associação: “Assim que chegamos do Rio Grande, começamos trabalhar aqui e como a família é daqui a gente convive com a família só, aí nem presta atenção nos outros”.

Dos termos à identidade dos catadores

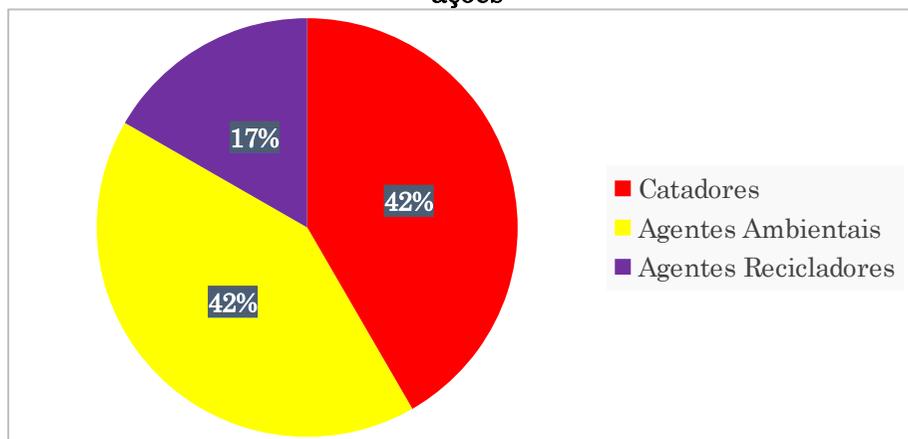
Perguntou-se aos líderes catadores a opinião destes em relação às distintas maneiras pelas quais eles são denominados dentro e fora das associações e cooperativas. Em geral, são três termos utilizados: catadores, agentes ambientais e agentes recicladores⁴.

Os termos mais utilizados são: catadores e agentes ambientais (Gráfico 2). Ao serem questionados sobre o porquê do uso recorrente do termo agente ambiental, os líderes catadores responderam que é uma tentativa de fazer a população entender que eles não apenas “catam o lixo”, mas realizam uma ação ambiental. Os presidentes também comentaram que a admissão do

⁴ As associações que apresentam o termo “catadores” no nome são: Nova Santa Rosa, Assis Chateaubriand, Pato Bragado, Diamante do Oeste, São Pedro do Iguaçú, Toledo, Entre Rios do Oeste e Iracema do Oeste. Nas cidades de Formosa do Oeste e Mercedes, as associações utilizam “agentes recicladores”. Os demais municípios – Palotina, Santa Helena, São José das Palmeiras, Jesuítas e Marechal Cândido Rondon – adotam a expressão “agentes ambientais”.

referido termo está sendo usada para “separar catadores, como quem cata na rua, e agente ambiental, que trabalha na central de triagem”.

Gráfico 2 – Porcentagem dos diferentes nomes utilizados nas associações



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O Programa Coleta Solidária também caracteriza os catadores de materiais recicláveis como “agentes ambientais”, valendo-se, neste caso, de propagandas, logotipos, uniformes etc. Dessa forma, é enaltecido a função ambiental do catador. De acordo com documento extraído do site da Itaipu, “os catadores prestam relevante serviço à sociedade e ao meio ambiente, constituindo-se em autênticos agentes ambientais”.

O termo agentes ambientais está relacionado à busca pela criação de uma identidade de trabalho, diferenciando-os dos catadores que atuam individualmente na rua (também chamados de autônomos ou informais). Essa diferenciação auxilia na reconstrução da identidade do catador integrante de organizações

coletivas, porquanto, se constrói a partir da diferença. Parte-se de uma identidade negativa, carregada de termos desfavoráveis, como “trabalho na rua”, “baixa renda”, “discriminação” etc., para uma identidade positiva, com trabalho em local fixo e sendo reconhecidos como possíveis parceiros pela municipalidade. Essa reconstrução da identidade profissional afeta diretamente a autoestima do catador, contribuindo para que a população passe a vê-los de forma diferente.

Conclusões

É preciso ressaltar duas considerações iniciais sobre a figura do(a) catador(a): (1) é o fator econômico, mais do que o cunho ambiental, que impulsiona sua atividade; (2) a “invisibilidade” dos catadores é fundamentalmente social e não funcional, pois, enquanto trabalhadores do sistema capitalista, economicamente, eles mostram-se deveras relevantes. É a partir destes proletários “funcionais”, explorados pelo capital, que o sistema de reciclagem brasileiro se viabiliza. Trata-se de uma imensa força de trabalho, mal remunerada e carente de direitos que faz o “barato” trabalho de base de catação nas ruas e lixões.

As organizações coletivas são uma estratégia de sobrevivência, de luta contra o trabalho individualizado e precarizado e, sobretudo, um “caminho” para o reconhecimento do trabalhador(a) catador(a).

A transição entre o trabalho individualizado e coletivo, entre a invisibilidade e o reconhecimento é um processo pleno de contradições. Depende, por exemplo, não só dos catadores em si,

como de mecanismos políticos e apoiadores externos. A criação das organizações coletivas de catadores dependem, geralmente, de parcerias com agentes externos: governos locais, ONGs, igrejas etc. Particularmente na microrregião de Toledo, há uma especificidade em relação às parcerias: a atuação regional de uma empresa mista, a Itaipu Binacional. Longe de pretender fazer propaganda das ações da empresa, o programa Coleta Solidária colaborou tanto materialmente, quanto no treinamento dos catadores organizados. Os cursos e demais capacitações para o trabalho coletivo é um imperativo para que se passe do trabalho individual para o trabalho coletivo organizado nas associações de catadores.

A parceria com o poder público é fator revelador/afirmador do reconhecimento do trabalhador catador e catadora. É incomum, na microrregião em estudo, encontrar municípios que não tenham integrado as associações de catadores na gestão pública dos resíduos sólidos (especificamente na etapa de triagem de materiais recicláveis). No entanto, duas fragilidades foram ressaltadas: (1) a sujeição às mudanças políticas - os contratos com as associações estão fortemente sujeitos à vontade dos prefeitos em exercício; (2) a sujeição do pagamento por serviços ambientais prestados à “vontade” do chefe do executivo local.

Outro ponto a ser enfatizado, e que aparece nos testemunhos obtidos com os catadores nesta pesquisa, é o novo perfil destes. A partir das organizações coletivas, do reconhecimento da profissão e da Política Nacional dos Resíduos Sólidos, as condições de trabalho e renda deste vêm se alterando positivamente. A profissão tornou-se uma alternativa de subsistência para trabalhadores com dificuldades de inserção ou

reinserção no mercado de trabalho. A maioria dos líderes catadores e catadoras entrevistados não são ex-catadores de rua, mas provêm de outras ocupações.

Ressalta-se, ainda, o protagonismo das mulheres na função. O trabalho organizado é uma alternativa importante para mulheres trabalhadoras com filhos e que sofrem após a gravidez para se reinserir no mercado de trabalho. As mulheres são líderes em 60% das associações.

A participação em cursos e capacitações também reverbera no ambiente familiar: emancipação em relação ao cônjuge machista; catadoras assumindo para si a subsistência do lar; melhorias nas relações interpessoais (é comum a participação de vários membros de uma mesma família nas associações e, portanto, nos cursos); superação de patologias como o alcoolismo e o tabagismo como efeitos indiretos de todas essas mudanças; alfabetização e prosseguimento do estudo formal (através do Programa de Educação de Jovens e Adultos) também como efeito indireto.

O trabalho coletivo nas associações auxiliou a reconstruir a imagem do catador tanto a sua própria identidade, com o aumento da autoestima (anteriormente muito combatida) quanto em relação aos demais habitantes da cidade que não demonstram tanto preconceito e reconhecem a profissão, segundo os entrevistados.

Entre os demais efeitos da estratégia de organização coletiva dos catadores e das capacitações estão: a continuidade e a regularidade da renda que garante a subsistência; integração no movimento de catadores com defesa de pautas de interesse próprio; aquisição de preceitos do trabalho associativo e das funções de liderança.

Em relação à identidade do(a) catador(a) organizado(a), revela-se que esta dependeria da diferenciação em relação aos outros catadores, que continuam trabalhando nas ruas, individualmente. A denominação de agente ambiental ressalta a ação ambiental realizada pelo catador e vai ao encontro da demanda do movimento dos catadores pelo pagamento por serviços ambientais.

Conclui-se, portanto, que os efeitos para quem adequou-se ao trabalho associativo/cooperativo (e, por isso, se tornaram líderes) são amplamente positivos. Refletem, por um lado, em melhores condições de trabalho, renda e reconhecimento da profissão; por outro, em transformações individuais e familiares que auxiliam na emancipação do indivíduo em busca de uma cidadania efetiva.

Certamente existem limites para os resultados desta pesquisa (o que não invalida estas conclusões), entre os quais é possível ressaltar: (1) o contexto particular da microrregião, com um agente externo atuante (Itaipu) que propiciou apoio, equipamentos e capacitações para a criação e manutenção das associações. Nesse contexto, as experiências vivenciadas na microrregião diferenciam-se de várias outras no interior do território brasileiro, onde a organização coletiva dos catadores se dá sem maior suporte. (2) A restrição das entrevistas aos líderes, que foram aqueles que se adequaram melhor ao trabalho associativo, portanto, tornaram-se líderes. Essa restrição deveu-se tanto a questões da grande área de estudo coberta pelos autores (o que demandaria mais recursos e pessoal), quanto a delimitação daqueles catadores e catadoras que conhecem efetivamente os pormenores das associações e que participaram das capacitações.

Espera-se que novas pesquisas possam ser desenvolvidas futuramente e que englobem os demais catadores (fora de posição de liderança), se concentrem mais diretamente no papel das catadoras e líderes catadoras, assim como abranjam outras microrregiões do interior do Brasil.

Referências

ANCAT, Associação Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis; PRAGMA, Instituto. **Anuário da Reciclagem 2021**. Instituto Pragma; ANCAT, 2021.

BARRETO, R. DE O.; PAULA, A. P. P. “Rio da Vida Coletivo”: Empoderamento, emancipação e práxis. **Revista de Administração Pública**, v. 48, n. 1, p. 111–130, 2013.

BERNARDES, V. S. **Experiência do cooperativismo e o empoderamento dos associados da Cooperativa Ambiente – Vila Estrutural (Brasília, Distrito Federal)**. 2018. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018.

BOSI, A. de P. **História dos catadores no Brasil**. São Paulo: Verona, 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 8, p. 1-74, 11 jan. 2002. PL 634/1975.

CALDERONI, S. **Os bilhões perdidos no lixo**. 6. ed. São Paulo: Humanitas, 2011.

CARDOSO, U. C. **Associação**. Brasília, DF: Sebrae, 2014.

COSTA, A.G. **Gestão de resíduos sólidos e a integração de catadores em cidades pequenas: os casos de Assis Chateaubriand e Palotina, PR**. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia (Marechal Cândido Rondon), Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, 2017.

COSTA, A. G.; NEVES, F. O. A inclusão de catadores na gestão de resíduos sólidos nos municípios paranaenses de Assis Chateaubriand e Palotina. **Revista de Geografia**, Recife, v. 38, n. 2, p. 378 – 395, 2021.

DURAND, M.; NEVES, F. O. A integração dos catadores latino-americanos na gestão pública de resíduos sólidos: solução ou criação de uma nova margem? **Geografia em questão**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 2, p. 165-184, 2021.

KLEBA, M. E.; WENDAUSEN, A. Empoderamento: Processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saude e Sociedade**, v. 18, n. 4, p. 733–743, 2009.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Diagnóstico Sobre Catadores de Resíduos Sólidos**: Relatório de pesquisa 2012. Disponível em: http://www.silvaporto.com.br/admin/downloads/CATADORES_BRA_SIL_IPEA_2012.p df. Acesso em: 05 de maio de 2021.

ITAIPU. **Cultivando Água Boa**. Página da Web, 2021. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/54>>. Acesso em 29 de julho de 2021.

_____. **Coleta Solidária**. Página da Web, 2019. Disponível em: <http://www.itaipu.gov.br/respo/balan_2004/colet.htm>. Acesso em 29 de julho de 2021.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10^a Ed. São Paulo: Ática, 2014.

MARINHO, P. A. S.; GONÇALVES, H. S. Práticas de empoderamento feminino na América Latina. **Revista de Estudos Sociais**, n. 56, p. 80–90, abr./jun. 2016.

MARTINS, C. H. B. **Trabalhadores na reciclagem do lixo**: dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento. 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

NEVES, F. O. Valorização dos resíduos sólidos urbanos e a participação de catadores em Toledo/PR. **Perspectiva Geográfica**, Marechal Cândido Rondon, v. 7, n.8, s.p., 2012. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/issue/view/553>. Acesso em 30 de junho de 2021.

_____. **Gestão pública de resíduos sólidos urbanos:** problemática e práticas de gestão no Oeste Paranaense. 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, 2013.

_____. Gestão dos resíduos sólidos urbanos na Bacia do Paraná III: elementos para uma agenda de pesquisas. **Revista RAE'GA**, Curitiba, v. 38, p. 169-194, Dez/2016.

NOZOE, N. H.; BIANCHI, A. M.; RONDET, A. C. A. A nova classificação brasileira de ocupações: anotações de uma pesquisa empírica. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, vol. 17, n. 3-4, p. 234-246, Jul-Dez/2003.

RODRÍGUEZ, C. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. In: SANTOS, B, de S. (Org.). **Produzir para viver:** os caminhos da produção não capitalista. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 329-367.

Submetido em: 31 de janeiro de 2023.

Devolvido para revisão em: 02 de março de 2023.

Aprovado em: 20 de março de 2023.

MAAS, T. I.; DE OLIVEIRA NEVES, F. ASSOCIAÇÕES E COOPERATIVAS DE CATADORES E CATADORAS:: UMA ESTRATÉGIA PARA “SEGUIR EM FRENTE” E SEUS EFEITOS SEGUNDO A PERCEPÇÃO DE LÍDERES CATADORES NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO, PARANÁ. **Terra Livre**, [S. l.], [s.d.]. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2868>. Acesso em: 22 jul. 2023..

